

**AS FORÇAS ARMADAS CONTRA A DENGUE
NO RIO DE JANEIRO:
UMA GUERRA LINGUISTICO-DISCURSIVA
ATRAVÉS DA METÁFORA CONCEPTUAL**

Sérgio Nascimento de Carvalho
ser.carvalho@terra.com.br

RESUMO

Esta comunicação visa investigar expressões linguísticas metafóricas, licenciadas pela metáfora conceptual O ACONTECIMENTO/EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA, a partir do gênero discursivo (Bakhtin, 1992) - artigo jornalístico - publicado no Rio de Janeiro no período de 2002 a 2008, sobre o combate ao mosquito *Aedes Aegypti*. Neste trabalho fica evidenciada a relação de cumplicidade entre o escritor e o leitor, através da metáfora. Dessa forma, mobilizando toda uma população a se armar para lutar contra o inimigo destruidor.

Palavras-chave: metáfora conceptual; metáfora linguística; gênero discursivo

Partindo dos princípios teóricos estabelecidos por Lakoff e Johnson (1980; 2002), este artigo propõe-se a investigar a metáfora conceptual O ACONTECIMENTO/EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA subjacente às metáforas linguísticas que transformam, discursivamente, fatos e/ou acontecimentos em “atos de guerra”. Exploramos a hipótese de que essas metáforas são, frequentemente, usadas, cognitiva e linguisticamente, para justificar uma ação ou (re)ação.

O acontecimento enfocado neste trabalho tem como ponto de partida, segundo o gênero discursivo (Bakhtin, 1992) – artigo jornalístico – em jornais diários publicados no Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008, o combate ao mosquito *Aedes Aegypti*. Neste trabalho fica evidenciada a relação de cumplicidade entre o escritor e o leitor, através da metáfora. Dessa forma, mobilizando toda uma população a se proteger de diferentes formas contra o inimigo destruidor.

O estudo investiga como a conceptualização da invasão do mosquito transmissor do dengue se transforma em um “ato de guerra”, através de diferentes materializações no discurso, proporcionando um importante instrumento no processo de combate à doença e mortes que assolaram o estado.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Procuramos mostrar, assim, como a metáfora pode desempenhar um papel relevante na ação ao combate do mosquito, uma vez que ela legitima conceptual e linguisticamente, determinadas visões, ou implicações, que vão ao encontro de interesses específicos do Estado e dos cidadãos residentes na cidade.

O trabalho se apóia, teoricamente, nos estudos da metáfora da linguística cognitiva (Lakoff & Johnson, 1980/2002; Lakoff, 1987, 1991, 2002, 2005; Kövecses, 2002, 2004; Cameron, 1999, 2003), Charteris-Black, 2004).

O grande divisor de águas entre o conceito tradicional e a nova visão da metáfora foi a obra publicada pelo linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson em 1980, denominada *Metaphors we live by* (Metáforas da Vida Cotidiana). Nesse estudo, os autores discutem a natureza e a estrutura da metáfora sob uma nova perspectiva: ela é conceptual e tem grande influência em boa parte do pensamento e da ação do homem. Os autores desenvolvem a tese de que a metáfora é um fator preponderante no funcionamento da mente humana, uma vez que, sem ela, até mesmo pensar seria impossível. Os pesquisadores contestam os pressupostos até então estabelecidos de que (a) toda linguagem convencional é literal, (b) tudo pode ser descrito e entendido sem o uso de metáforas, e (c) apenas a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira (Lakoff, 1993).

Dentre os vários atributos conferidos à metáfora, há de se ressaltar o fato de que “esta carrega consigo argumentos emocionais que nos levam a alguma ação ou pelo menos dá um suporte emocional àqueles que a usam” (Mio *et alii*, 1996, p. 143). A metáfora, assim, é vista como um elo entre os argumentos lógicos e emocionais. Como tal, ela nos dá aquele sentimento de que estamos nos comportando racionalmente, embora isso possa não ser o caso. Essa característica da metáfora, evidente no discurso persuasivo, tem apoio de vários pesquisadores como Bowers e Osborn (1966), Read *et al* (1990) e Reinsch (1971).

Segundo Cacciari (1998, p. 147), a metáfora “dá a palavra”, por assim dizer, às partes relevantes de nossa experiência subjetiva do mundo, que de outra forma seriam difíceis de expressar. Além disso, a metáfora nos permite estender dinamicamente nossa atividade categórica (de categorização), sendo, portanto, um mecanismo -

chave para modificar nossas maneiras de representar o mundo no pensamento e na linguagem. Ela é necessária epistemológica e comunicativamente.

No entanto, outros não atribuem tanta eficácia à sua função de persuasão como Bosman e Reforçando o redimensionamento da importância cognitiva, discursiva e epistemológica da metáfora, Cameron (2003) enfatiza o seu inegável papel, no contexto educacional. Para a estudiosa, “metáforas não são somente recursos linguísticos que ajudam a explicar conceitos, mas realmente estruturam os próprios conceitos” (2003, p. VI). Entretanto, a linguista destaca o fato de que a metáfora é “imediatamente verdadeira e falsa, ao mesmo tempo disjuntivo e conectivo, comum, porém surpreendente” (*ibidem*). Cameron, porém, chama atenção para como as metáforas podem contribuir, mas e ao mesmo tempo limitar a compreensão. Devemos ficar, portanto, atentos às interpretações indevidas das metáforas quando usadas para explicar o conhecimento científico e profissional. A autora também ressalta (1999, p. 77) que, na última década, o estudo da metáfora “explodiu”, mas pouco desse impacto se deu no campo da linguística aplicada, apesar do importante papel desse tropo na teoria e prática do ensino e aprendizagem de língua. Dessa forma, a análise da metáfora na educação, segundo a pesquisadora, pode lançar luz sobre as diversas maneiras pelas quais participantes, sejam eles aprendizes, professores, administradores ou pais, podem conceptualizar o que fazem ou melhorar seus desempenhos (*ibidem*, p. 88).

Entretanto, é interessante ressaltar que essa visão cognitivista da metáfora (também chamada de construtivista por Ortony, 1993) já tinha sido explorada pelo filósofo italiano Vico, muito antes de Lakoff e Johnson, entre os séculos XVII e XVIII. O pensador fazia da metáfora o principal instrumento de uma forma de apreensão do mundo, visão esta inédita naquela época. Vico não toma a metáfora no âmbito individual, como obra do gênio poético de algum indivíduo. Ao contrário, ele dá ênfase ao aspecto coletivo do pensamento metafórico ao tomar como base para suas afirmações mitos, fábulas e a poesia épica de Homero (Cerdera, 2002).

A teoria da metáfora conceptual desenvolvida por Lakoff e Johnson tem como base um artigo escrito por Reddy, em 1979, no

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

qual o autor introduz o conceito de “metáfora do canal”, que seria um tipo de metáfora conceptual. A partir dessa metáfora, segundo Green:

As expressões linguísticas (palavras, sentenças, parágrafos, livro, etc) são comparadas a vasos ou canais nos quais pensamentos, idéias, sonhos são despejados e dos quais eles podem ser retirados exatamente como foram enviados, realizando uma transferência de posse (Green *apud* Zanotto, 1989, p. 15).

As expressões abaixo, exemplos de expressões linguísticas, que seriam motivadas pela “metáfora do canal” e que, portanto, a evidenciariam na linguagem (*ibidem*, p. 15). Exemplos:

Não consigo pôr minhas idéias em palavras. Quem te deu essas idéias?

Até que enfim você está conseguindo passar suas idéias para mim.

Esse livro não traz muita coisa.

Suas palavras não estão carregadas de convicção.

Zanotto (1998, p. 16) afirma que Green (1989, p. 10) tem uma explicação muito feliz para essa metáfora, tão presente na linguagem ordinária:

Admite-se comumente que a linguagem constitui um veículo para o pensamento, que as palavras expressam pensamentos e fazem isso *univocamente*. Então você *tem* um pensamento, *põe* esse pensamento em palavras, que *levarão* o pensamento, e qualquer pessoa racional e sensata que conheça a linguagem será capaz sem esforço de *ver* seu pensamento, de *pegar* sua idéia.

Para ilustrar o fato de que “a metáfora é possível na linguagem porque está presente na mente”, Lakoff e Johnson (1980/2002, p. 46) utilizam o conceito de “tempo”, que é conceptualmente estruturado como “dinheiro”. Essa metáfora conceptual (TEMPO É DINHEIRO) é marcada, linguisticamente, em inglês, por várias expressões, entre elas (*ibidem*, p. 50):

Você está desperdiçando meu tempo. Você está me fazendo perder tempo. (You are wasting my time)

Esta coisa (engenhosa) vai te poupar horas. (This gadget will

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

save you hours.)

Eu não *tenho* tempo para te dar. / Eu não tenho tempo para você. (*I don't have the time to give you.*)

Como você *gasta* seu tempo hoje em dia? Como você usa o seu tempo hoje em dia? (*How do you spend your time these days?*)

A partir dessa visão, a metáfora, mais do que nunca, começa a ser vista como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um simples ornamento do discurso (Lakoff & Johnson, 1980/2002, 1999; Ortony, 1993; Gibbs & Steen, 1999).

Enquanto fenômeno cognitivo, as metáforas são mapeamentos entre domínios conceptuais: do domínio fonte para o domínio alvo. A estrutura DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE²⁰ é usada como forma mnemônica de nomear esses mapeamentos metafóricos. Não devemos, assim, confundir o nome do mapeamento com o próprio. Mapeamento é o conjunto de correspondências conceptuais. Por exemplo, a forma mnemônica TEMPO É DINHEIRO se refere ao conjunto de correspondências conceptuais entre TEMPO e DINHEIRO.

A metáfora, assim, envolve tanto os mapeamentos conceptuais quanto as expressões linguísticas. Entretanto, na perspectiva da teoria da metáfora conceptual, a língua é secundária, no sentido de que é o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio fonte para o domínio alvo (Lakoff, 1993, p. 209). Porque o foco de interesse é o mapeamento, o termo *metáfora* refere-se, normalmente, ao mapeamento e não às expressões linguísticas metafóricas (Vereza, 2004). A língua, principalmente o léxico, seria, fundamentalmente, vista como um reflexo do sistema conceptual humano. Dessa forma, é através de um estudo detalhado da maioria das expressões lexicais relacionadas a determinados conceitos que os linguistas cognitivos têm identificado grande parte desse sistema (Kövecses, 1990, p. 41).

²⁰ Tecnicamente, o mapeamento é representado por DOMÍNIO ALVO para DOMÍNIO FONTE.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A função da metáfora é, assim, a de estender as capacidades de comunicação e, principalmente, conceptualização do ser humano. A metáfora é uma “janela” para os sistemas de conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura.

O Estado do Rio de Janeiro nos últimos anos, mais precisamente, de 2002 até 2008, enfrenta uma verdadeira invasão do mosquito da dengue e, assim, acometendo um número enorme de residentes com a doença e, em muitos casos, mortes.

A partir de agora, pretendemos mostrar como essas marcas linguísticas conseguem criar uma realidade de guerra, através de pessoas que estão direta ou indiretamente envolvidas na eliminação do foco do mosquito.

A LUTA ARMADA

-Fragmentos de artigos de jornais pesquisados

- a) Por isso, estranho que, até agora, não haja uma **brigada** de fumacês **combatento** o *Aedes aegypti* por aí. (Artur Xexéo, *O Globo*, 09/04/2008)
- b) Qual é o problema de se **atacar** o mosquito adulto? (Artur Xexéo, *O Globo*, 09/04/2008)
- c) “... , há a necessidade de serem **executadas medidas de controle** ...” (Artur Xexéo, *O Globo*, 09/04/2008)
- d) “... por que cargas d’água o Ministério da Saúde ainda não liberou e) uma grana para **ocupar** Rio com carros fumacê?” (Artur Xexéo, *O Globo*, 09/04/2008)
- f) A **guerra** do Rio **contra** o mosquito *Aedes aegypti* (*O Globo*, 09/03/2002)
- g) Sô assim o **inimigo** será **vencido**. (*O Globo*, 09/03/2002)
- h) Biólogos **contra** a dengue. (*O Globo*, 09/03/2002)
- i) Mosquito da dengue volta a **ameaçar** o Rio (*O Globo*, 22/09/2002)
- j) Estou na **luta** contra o dengue ... para **vencermos** o mosquito. (*O*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Globo, 09/03/2002)

k) Amil no **combate** ao dengue. A informação e a prevenção são as **armas** mais poderosas na **luta** contra o dengue. (*O Globo*, 09/03/2002)

l) O “aedes” **ataca**. (*O Globo*, 09/04/2008)

Planejamento para se defender de um ataque

a) ...os candidatos Eduardo Paes e Fernando Gabeira já definiram **estratégias** de combate à doença; (*O Globo*, 16/10/2008).

Assim como, em qualquer estado de guerra, há que se estabelecer um objetivo:

- O objetivo do ataque

a) A dengue não faz distinção alguma ao **atingir** o ser humano. (*J. do Brasil*, 12/04/2008)

b) Para que a guerra seja justa, há que se ter o inimigo exercendo o seu poder:

- O inimigo ataca

a) Moradores da Urca são **atingidos** pela dengue. (*J. do Brasil*, 17/03/2007).

b) A paz no bucólico bairro da Urca,..., está **sob ameaça** do mosquito da dengue. (*J. do Brasil*, 17/03/2007).

Toda a guerra tem que ter um apoio logístico para combater o inimigo:

- Os instrumentos de guerra

a) Ontem **munidos** de bolsas amarelas, recipientes de plástico,... . (*O Globo*, 09/03/2002)

b)... Gabeira acena com a possibilidade de recorrer a **aeronaves não-tripuladas** para identificar focos de dengue. (*O Globo*, 16/10/2008).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

c) explicou Gabeira, que não descarta utilizar **helicópteros** e aeronaves não-tripuladas para mapear áreas de difícil acesso. (*O Globo*, 16/10/2008).

Na guerra, o comando vem do poder:

- A ação que emana de uma autoridade

a) “... segundo o assessor de Comunicação Social do **Comando Militar do Leste**, coronel Ivan Cosme, vai durar enquanto houver necessidade de reforço”. (*O Globo*, 09/03/2002)

Saber onde será travada a batalha é primordial na disputa bélica:

- A Identificação/local do campo bélico/conflito

a) “A identificação imediata das **áreas críticas**, como piscinas...” ressalta o epidemiologista, Roberto Medrono, da UFRJ. (*O Dia*, 18/09/2002).

b) O **inimigo se esconde dentro de casa**, ataca sorrateiramente de manhãzinha e já matou 27 pessoas no estado. (*O Globo*, 09/03/2002)

c) Sabemos que o mosquito não vê **fronteiras**,... (*O Globo*, 16/10/2008)

Para se conquistar uma vitória, o inimigo precisa buscar outros sítios da disputa:

-O inimigo avança e procura outros campos de batalha

a) Estou preocupado com o **avanço** da doença – contou Marcus. (*J. do Brasil*, 17/03/2007)

b) Mas esta **guerra não termina em casa**: o **inimigo** voa até um quilometro **em busca de** alimento e pode-se **esconder** nas casas dos vizinhos,... . (*O Globo*, 09/03/2002)

Manobras de guerra fazem parte da contenda:

- As ações táticas

- a) O peemedebista diz que pretende **treinar**, ...servidores da Guarda Municipal ...(*O Globo*, 16/10/2008)
- b) ..., acredita Gabeira, conseguirá **mobilizar** recursos para evitar mortes.(*O Globo*, 16/10/2008)

O lado opositor precisa se proteger contra o adversário:

- A Proteção contra o inimigo: defesa e/ou ataque

- a) Especialistas tiram dúvidas no **combate ao dengue**. (*O Globo*, 09/03/2002)
- b) ... a boa alimentação é fundamental para **enfrentar** a virose... (*O Globo*, 09/03/2002)
- c) Para evitar tragédia, estado começa a **traçar plano de combate**. (*O Globo*, 09/04/2008)
- d) Numa **ação antidengue**,... (*O Globo*, 09/03/2002)
- e) É importante criar um **dia D** para que as pessoas participem, já que o governo não sabe mais o que fazer. (*O Globo*, 09/04/2008)
- f) É preciso que toda a população se una para **vencermos** esta **guerra**. (*O Globo*, 09/03/2002).
- g) As **ações** para **combater** a epidemia. (*O Globo*, 09/03/2002).

Na guerra, os ataques são verdadeiros meios de defesa do adversário:

**O caos instalado, começam os confrontos:
a luta entre população e autoridades**

- a) Opinião pública é **alvo** de ambos. (*O Globo*, 16/10/2008).
- b)... no **dia D** de **combate** ao dengue acontecerá contra a vontade do prefeito Cesar Maia contou ontem que foi voto vencido. (*O Globo*, 09/03/2002)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O atacado tenta reagir contra as acusações do adversário:

O contra-ataque:

o Estado é acusado de negligência e se sente obrigado a reagir

- a) Os hospitais e serviços de saúde privados continuam **envolvidos na luta do Rio contra** a dengue. Participe! (Sindherj, *O Globo*, 09/03/2002)
- b) Todos devemos participar ativamente do **combate à doença**. (Sebrae, *O Globo*, 09/03/2002)
- c) O ministro da Saúde, Barjas Negri, vai participar hoje no Rio de **ações** comunitárias de **combate** ao dengue. (*O Globo*, 09/03/2002)
- d) A prefeitura de Angra dos Reis, porém, **defende** que a situação do município não é tão grave quanto parece. (*J. do Brasil*, 12/04/2008)
- e) A governadora Benedita da Silva, que esteve na reunião de apresentação do **plano contra** o dengue. (*O Globo*, 09/03/2002)
- f) FORA! Meio milhão de agentes de saúde e voluntários saem hoje às ruas para **acabar** com o mosquito do dengue (*O Globo*, 09/03/2002)
- g) Hoje, desde cedo, 500 mil **combatentes** vão **vasculhar** casas, ruas, terrenos e praças para erradicar focos. São 20 mil **guardas** sanitários – entre **soldados** do Exército, da Marinha, bombeiros, agentes da Defesa Civil e de secretarias municipais e estadual. (*O Globo*, 09/03/2002)
- h) Governo estadual cria o Programa Permanente de **Combate** ao Dengue. (*O Globo*, 15/06/2002)
- i) Governo federal divulgará programa de **combate** à doença e prefeitura contratará **mata**-mosquitos. (*O Globo*, 23/07/2002).
- j) Entre outras providências, Côrtes decidiu **centralizar** todas as **ações de combate** à dengue no Corpo de Bombeiros. (*J. do Brasil*, 12/04/2008)

Como em toda guerra, há os elementos que compõem o conflito armado:

Os sujeitos envolvidos no conflito

- a) ... 40 **soldados** do Exército... (*O Globo*, 09/03/20)
- b) Para se tornar um **voluntário** e participar das próximas campanhas. (*O Globo*, 10/11/2002)
- c) Estado terá **força-tarefa** para combater dengue. (*O Globo*, 16/08/2002)
- d) O governo do estado treinará 2.500 **bombeiros** para atuarem como agentes de endemias, ... (*O Globo*, 16/08/2002)

Ao final de uma batalha ou mesmo antes de ser declarado o vencedor, há sempre um déficit que poder ser positivo ou negativo. É o preço que se paga pela disputa:

As consequências de uma guerra

- a)... o presidente da Funasa, Mauro Costa, estima que haverá **queda** drástica nas estatísticas do dengue até o fim do ano. (*O Globo*, 09/03/2002)
- b) Como sempre, o número de casos da doença **cairá** com o final do verão. (*O Globo*, 09/03/2002)
- c) No Estado, quatro pessoas já morreram **vítimas** da dengue ...(*J. do Brasil*, (02/03/2007)
- d) A **escalada** da doença é visível, segundo os números divulgados... (*J. do Brasil*, 12/04/2008)
- e) ... se indica que a dengue está **recuando**, é cedo dizer. (*J. do Brasil*, 12/04/2008)
- f) A última epidemia **matou** 102 pessoas na capital, ... segundo a Secretaria municipal de Saúde. (*O Globo*, 16/10/2008)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como proposta entender o papel e o funcionamento da metáfora conceptual de guerra O ACONTECIMENTO /EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA que é muito produtiva não só em uma crise de saúde, como a epidemia do dengue, mas também no discurso jornalístico. Para isso, uma análise de um corpus com trechos retirados de palavras e expressões bélicas nas falas dos indivíduos envolvidos diretamente ou não na crise apresentada.

Assim, em pouco tempo, a proliferação do mosquito do dengue durante esse período passou a ser conceptualizado e explicitamente referido como um “ato de guerra”, através da presença de marcas linguísticas que propiciam *implicações* da metáfora estudada no trabalho. É a campanha discursivamente promovida como “guerra ao mosquito do dengue”, lançada no Estado do Rio de Janeiro: o inimigo, o mosquito da dengue, ameaça ao estado como um inimigo. Dessa forma, há de se mobilizar a população para eliminar o inimigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BOWERS, J. W.; OSBORN, M. Attitudinal effects of selected types of concluding metaphors in persuasive speeches. *Speech Monographs*, 33, p.147-155, 1966.

CACCIARI, C. Compactness and conceptual complexity of conventionalized and creative metaphors in Italian. In: HILLERT, D. (ed.). *Syntax and Semantics*, vol. 31, A crosslinguistic perspective (p. 405-425). New York: Academic Press, 1998.

CAMERON, L. Discourse context and the development of metaphor in children. *Current Issues in Language and Society*, 3 (1/2), p. 49-64, 1996.

———. Survey article: Metaphor. *Language Teaching*, 32, p.77-96, 1999.

———. Metaphor in the Learning of Science: a discourse focus. *Bri-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tish Educational Research Journal. Vol. 28, nº 5, 2002.

———. *Metaphor in Educational Discourse*. London: Continuum, 2003.

CAMERON, L.; LOW, G. *Researching and Applying Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CERDERA, C. P. *O discurso da ciência e a construção do real: um estudo das metáforas ontológicas em textos de química*. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 2002.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. London: Palgrave MacMillan, 2004.

GIBBS, R. W.; STEEN, G. eds. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

KÖVECSES, Z. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag, 1990.

———. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford U. Press, 2002.

———. Language, Figurative Thought, and Cross-Cultural Comparison. In: *Metaphor and Symbol*, 18(4), 311-320, Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2003.

LAKOFF, G. The meaning of literal. *The metaphor and Symbolic Activity* 1(4), p. 291-296, 1986.

———. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

———. Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the gulf. An open letter to the Internet. The Metaphor Home Page, www.compapp.decu.ie/~tonnyv/metaphor.html, 1991.

———. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.), *Metaphor and Thought*., 2nd. ed. Cambridge: Cambridge University Press, p. 202-252, 1993.

———. *Metaphors of Terror*. <http://www.press.uchicago.edu/News/911lakoff.html>, 2001

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- . *Moral Politics*, 2nd. Chicago e London: U. C. Press, 2002.
- . *War on Terror, Rest in Peace*.
<http://www.alternet.org/story/23810>, 2005.
- . *Politicians and Rhetoric*. London: Palgrave, 2005.
- . *Metáforas da vida cotidiana*. Mercado das Letras. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). Coord. Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo, 2002.
- ORTONY, A (ed.). *Metaphor and Thought*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- READ, S. J. I. L., JONES, D. K. & COLLINS, N. L. When is the federal budget like a baby? Metaphor in political rhetoric. *Metaphor and Symbolic Activity*, 5, p. 125-149, 1990.
- REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 164-201, 1993.
- REINSCH, N. L. An investigation of the effects of metaphor and simile in persuasive discourse. *Speech Monographs*, 38, p. 142-145, 1971.
- VEREZA, S. *Literalmente falando: o sentido literal como metáfora. Cognitivo – Pragmática*, tese de doutorado, PUC/SP, São Paulo, 1998.